OPEN ACCESS
10.21665/2318-3888.v13n26p15

Ambivalências
revista de antropologia do ppga-ufs

Dossiê Experiências religiosas

"Arreda, homem, que aí vem mulher": a construção do empoderamento feminino pela doutrina das pombagiras

Janaina Gonçalves Hasselmann[1]
Universidade da Região de Joinville

Roberta Barros Meira[2 3]
Universidade da Região de Joinville

Resumo

Para este artigo, propôs-se a investigar a relevância das pombagiras, entidade pertencente à linha da esquerda no panteão umbandista, voltando a análise para o universo de afazeres e atribuições sociais que circundam a história das mulheres nos terreiros. Pela etnografia, busca-se contribuir problematizando questões inerentes aos cuidados do corpo feminino e às relações sociais estabelecidas no terreiro, sinalizando a sobrecarga das mulheres e o impacto da doutrina das pombagiras, que movimentam as configurações no espaço e na vida das médiuns e consulentes da umbanda. Os dados são analisados mediante a observação de campo e a interação com a história das mulheres.

Palavras-chave

Umbanda. Pombagira. História das mulheres.

1. Professora de História do quadro de servidores efetivos na rede municipal de ensino do município de São Francisco do Sul (SC). É Mestra e Doutora em Patrimônio Cultural e Sociedade, licenciada em História pela Universidade da Região de Joinville – Univille. É pesquisadora de religiosidades afro-ameríndias a partir de seus patrimônios culturais relacionados à saúde e ao meio ambiente.

2. Bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal Fluminense, mestrado e doutorado em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Possui pós-doutorado pela Universidad Nacional de Tucumán – Argentina. Professora Adjunta do curso de História e do Programa em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – Univille.

3. Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes pelo apoio e financiamento do projeto de pesquisa Da boca da mata à encruza: o patrimônio da saúde umbandista entre maracás e cabaças, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, da Universidade da Região de Joinville – Univille.

"Get away, man, here comes woman": the construction of female empowerment through the doctrine of *pombagiras*

Resumo: This article proposes to Investigate the relevance of pombagiras, an entity belonging to the left line In the umbanda pantheon, analyzing the universe of tasks and social attributions that surround the women's history In terreiro. Through ethnography, we seek to contribute problematizing issues Inherent to health practices carried out In the terreiro, signaling the overload of women and the impact of the doctrine of pombagiras that move configurations In space and In the mediums and consultants' lives. Data are analyzed by paying attention In field observation and In the Interaction with women's history.

Keywords: Umbanda. Pombagira. Women's history.

"Fuera, hombre, que viene la mujer": la construcción del empoderamiento femenino a través de la doctrina de pombagiras

Abstract: Este artículo tiene como objetivo Investigar la relevancia de las pombagiras, entidad perteneciente a la línea de izquierda en el panteón de la Umbanda, centrando el análisis en el universo de tareas y atribuciones sociales que rodean la historia de las mujeres en un terreiro. A través de la etnografía, buscamos contribuir problematizando cuestiones Inherentes a las prácticas de salud realizadas en el terreiro, señalando la sobrecarga de las mujeres y el impacto de la doctrina de las pombagiras que mueven las configuraciones en el espacio y en la vida de médiums y consultantes. Los datos se analizan a través de la observación de campo y la Interacción con la historia de las mujeres.

Palabras clave: Umbanda. Pombagira. Historia de las mujeres.

Introdução

Na esteira dos conflitos sociais brasileiros, a umbanda tem sido discutida conforme uma possível transgressão de poderes instituídos, trazendo certos atores sociais ao centro do poder e da autoridade nos terreiros[4]. Entidades como caboclos de pena (indígenas), caboclos de couro (boiadeiros), pretos-velhos, malandros, ciganos, exus mirins, baianos, exus e pombagiras carregam em suas tramas ancestrais a marca dos excluídos da nossa sociedade. Porém, para uma grande parte da população, a aproximação com essas entidades, ou "pela dor ou pelo amor", expressão muito utilizada nos terreiros, enseja a necessidade de abrir os horizontes. Segundo Sulivan (2008, p. 3),

> [a] umbanda empresta um sentido particular à esta vivência cotidiana da realidade brasileira. A construção religiosa de si própria e deste cotidiano se faz, contudo, em um universo simbólico, um código de sentido mítico. Consequentemente, pode-se considerar a umbanda como negação de campos estanques e a construção articulada da mediação ser humano/matéria/vida/

4. Embora o mito fundador da umbanda faça referência ao evento ocorrido em 15 de novembro de 1908 através da anunciação (em uma sessão espírita) de uma nova religião que seria voltada a caridade e cujos espíritos de caboclos e pretos-velhos fossem bem-vindos a compartilhar doutrinas e compartilhar seus conhecimentos, é preciso ressaltar os percursos anteriores à anunciação da Umbanda, justificando tanto a existência da palavra, umbanda como proveniente da língua quicongo para "curador", quanto a existência das macumbas do Rio de Janeiro e outras manifestações afrorreligiosas. Conforme Silva (2005, p. 82), "as religiões afro-brasileiras se desenvolveram praticamente em todos os estados onde houve a presença do negro e de seus descendentes".

> divindades/espírito/morte: enfim, metáforas ritualizadas e dramatizadas da realidade social, econômica, política e cultural do país.

A complexidade das nossas relações, forjadas na violência escravista, no emprego da violência aos povos originários, no cárcere à vadiagem e na violência patriarcal que acossa crianças e mulheres, deixou sua herança nos terreiros. Por meio das entidades que atuam nos terreiros de umbanda, podemos identificar nossas sombras, mas, sobretudo, transgredi-las, mediante suas manifestações, conselhos, doutrinas, entendimento de adoecimento e saúde e principalmente cura.

Este trabalho compreende que as atividades de cuidado do corpo feminino e a luta contra o machismo promovidas pelos terreiros de umbanda são portadores de referência cultural, cosmogônica e identitária. Assim, vemos as práticas, os ritos, as rezas, seus acervos como um conjunto de bens a serem celebrados pela história das religiões de matriz africana. Nossa proposta não é a catalogação de itens, mas sim conceber as relações forjadas nos espaços femininos de forma integrada e holística, considerando que vários elementos são acionados concomitantemente na realização dos trabalhos de cura. Apesar dos estudos sobre a saúde feminina e a luta contra o machismo serem recente no Brasil, temos ciência da riqueza implícita em um entendimento plural de caminhos a serem percorridos. Mais do que tratar doenças de ordem física e/ou espiritual, pensamos que a umbanda, por sua configuração, cuja marginalidade das ruas são os doutores da ordem do divino, pode oferecer-nos valores civilizatórios. Segundo Ribeiro (2015, p. 162), "ao lado disso está a complexidade da realidade cultural e a necessidade de compreensões mais amplas que não sejam reféns de uma visão meramente bipolar dominantes x dominados".

Longe da concepção racional, erudita ou que possui preconceito de classe, as pombagiras não precisam de jalecos, títulos, nem de legitimidade científica para atender gentes de toda sorte, classe social, raça, religião, idade e gênero. Sua autoridade muitas vezes reside no tanto de experiências de vida que já tiveram em outros tempos, imemoriais, mas que as fazem conhecer o presente como ninguém. Nessa perspectiva, encaminhamos esta escrita, relacionando as doutrinas das pombagiras a um cotidiano que para muitas mulheres poderia ser o da década de 1960 e até mesmo o século passado.[5]

---

5. Segundo Allan Barbieri (2021), sacerdote umbandista e intelectual, o feminino transgressivo personificado pelas pombagiras baixou nos terreiros junto com o movimento feminista da década de 1960. Com isso, não se quer dizer que as pombagiras são fruto deste contexto, que antes disso não havia espíritos de pombagiras transitando em várias vertentes da religiosidade brasileira, e sim que o agrupamento das falanges de pombagiras nos terreiros ocorre em meio à efervescência da luta das mulheres contra o patriarcado. Essa personagem do imaginário popular da bruxa e das feiticeiras atribuídas a elas desembarcou no Brasil através de Portugal, principalmente por ocasião das mulheres condenadas por feitiçaria e ciganas degradadas. Nesse contexto histórico, surge então Maria Padilha e sua quadrilha, seguida da falange de Maria Navalha.

Para esta investigação de campo, amparamo-nos nas referências consultadas sobre o fazer etnográfico (Vianna, 2003). Desta feita, nossa proposição foi trabalhar as relações estabelecidas entre as pombagiras e as médiuns mediante a observação participante da cotidianidade do terreiro. Nosso grupo de referência é um terreiro de umbanda da cidade de São Francisco do Sul, porção norte de Santa Catarina, identificado por seus sacerdotes como umbanda sagrada/tradicional. No caso da etnografia, apoiamo-nos no trabalho de Queiroz (2008). O levantamento de dados da pesquisa foi realizado durante três anos, sem identificação dos pesquisadores e dos agentes sociais que expressam sua fé no terreiro. Buscou-se entender os processos e repetições, "ou seja, onde o objetivo é procurar um comportamento e a frequência em que ocorre, é uma pesquisa oculta aos olhos do observado" (Pereira, 2015, p. 15). Entendemos que a etnografia não se caracteriza somente como método. Adotamos aqui a perspectiva de Peirano (2008) quando defende que a etnografia não é apenas uma prática de pesquisa, "[...] mas a própria teoria vivida pois no fazer etnográfico, a teoria está, assim, de maneira óbvia, em ação, emaranhada nas evidências empíricas e nos nossos dados" (Peirano, 2008, p. 3).

Roteirizamos os elementos necessários para a elaboração de uma pesquisa que possibilitasse dinamizar a interface entre história e os cuidados com o corpo feminino. Nesse caso, foi a condição das mulheres no terreiro e como elas se mobilizam no seu quadro político e organizativo, bem como as movimentações das pombagiras em casos clássicos de machismo e sobrecarga de trabalho. Em razão do aprendizado oral nos terreiros e pelo fato de as pombagiras representarem à entidade exu a palavra, a mensagem, nossas observações foram pautadas pelas doutrinas[6] das pombagiras.

A umbanda é uma religião universal, de atendimento caritativo e mantém suas portas abertas a qualquer pessoa, atendendo à sua necessidade. Expressa-se por intermédio de espíritos, e por estes são realizados os trabalhos de cura, e não pelo indivíduo. As pessoas que procuram os terreiros o fazem para obter todo o tipo de aconselhamento das entidades: Dona Figueira, Dona Padilha, Dona Maria Mulambo, Dona Cacurucaia das Almas[7]. Com os objetivos de captar, analisar e reconhecer os atributos valorativos nessas relações, buscou-se na observação participante a possibilidade de realizar a pesquisa (Vianna, 2003)[8].

Nessas imersões foram obtidas muitas explicações de ogãs, sacerdotes, médiuns e consulentes. Nas várias giras e sessões, observaram-se as doutrinas das pombagiras

6. Chamam-se doutrina os ensinamentos oralizados pelas entidades para os médiuns, assistência ou consulência.

7. Existe uma miríade de nome de pombagiras que atuam nos terreiros e fora dele.

8. Segundo Pereira (2015, p. 14-15), "a observação não estruturada é também utilizada como uma técnica de exploração, onde o observador tenta limitar o campo de suas observações com o intuito de mais tarde delimitar suas atividades ou mesmo determinar seguramente o conteúdo de sua observação".

em relação aos atritos ocorridos no terreiro. Assim, o mais desgastante neste trabalho foi repensar, refletir sobre, analisar e transformar essa pedagogia antimachista das mulheres da noite em produção textual.

Essa problemática social que nos indispõe na vida pública também atravessa os terreiros, que não estão ilhados em espaços restritivos. Machismo, racismo, classicismo, elitismo, homofobia se fazem presentes, quase sempre em situações de adversidades, mas a sobrecarga em cima das mulheres no que tange às atividades do terreiro e, mais ainda, a dissimulação das pombagiras para favorecer suas médiuns, renegociando poderes que as mulheres não possuem no dia a dia, são dignos de debate. Entre historiadores e profissionais sensíveis à escuta do mundo, o entendimento de que as mulheres são escondidas da história pública, reservando-se quase sempre à história da vida privada, é uma verdade inconteste. Para Michelle Perrot (2007), o apagamento das mulheres tem suas particularidades, como, por exemplo, a invisibilidade nos espaços de produção do saber e de trabalho, ficando elas confinadas a abordagens religiosas. Os relatos, por sua vez, seriam desinteressantes, visto que não protagonizam a história, uma história de privilégio masculino.

Neste trabalho podemos refletir sobre conflitos e deslocamentos no terreiro, onde as mulheres protagonizam suas histórias – e a própria história da umbanda – quando envolvidas pelo sagrado poder feminino das pombagiras. Este artigo tem por objetivo ressaltar a importância da aproximação entre as histórias de vida de mulheres e a pesquisa etnográfica. A recriação dos campos dos conhecimentos que se apoia na interdisciplinaridade permite a formação de novos acervos e olhares para espaços ainda sombreados da história.[9]

1 "Olha quem vem lá no portão, de saia rodada, de pé no chão"[10]

No terreiro, muitos médiuns costumam chegar sempre em cima da hora, às 19h, o que causava protestos, visto que muitos trabalhavam até esse horário ou mais tarde. As sessões eram realizadas às sextas-feiras, e a assistência lotava, com pessoas buscando atendimento. Em muitos momentos, após a gira, era comum que os zeladores de santo chamassem a atenção dos médiuns quanto ao horário, assim como também era comum às médiuns – exclusivamente elas – reclamarem de não conseguir chegar a

9. As doutrinas apresentadas no texto não foram gravadas em áudio ou vídeo como forma de preservar as pessoas envolvidas na pesquisa. A opção dos registros em cadernos de campo também atende à escolha da observação participante como metodologia adotada.

10. Ponto de chamada de pombagiras.

tempo em razão do trabalho. Nas rodas de conversa, sob o olhar de todos os presentes, eram frequentes debates com pautas preestabelecidas, sempre redigidas pelos zeladores. O *script* era sempre o mesmo: horários a serem cumpridos; pagamento das mensalidades; ajuda adicional para algum infortúnio causado pelas chuvas; acerto de mão de obra para manutenção e reparos; rifas para ajudar famílias necessitadas; vaquinhas para angariar fundos à organização do terreiro e festas; colaboração com mantimentos de limpeza; disponibilidade de médiuns para trabalhos espirituais na casa de terceiros e/ou nos espaços de domínio das entidades (mata, cachoeira, praia, encruzilhada, linha férrea, ladeiras etc.).

Sob protestos, que não eram ouvidos, e sim silenciados, as mulheres tentavam intervir na conversa, pedir a palavra, geralmente por elas, pelos esposos e pelos filhos, todos membros do terreiro. Era notável que as mulheres eram impedidas de falar sob a estratégia de transpor as responsabilidades dos sacerdotes aos membros da casa e, de tabela, à própria assistência. Todavia, como o trabalho de campo tinha seu objetivo, de análise das atividades de cura, a princípio essas anotações eram feitas e mantidas no meu caderno a fim de registrar qualquer quadro, tendo em vista a dinâmica dos terreiros, onde tudo pode acontecer. E acontece. Foi após uma gira de caboclo, sob essa mesma cantilena, que o tempo fechou e o couro comeu[11].

Ao tentar obter a palavra, sem sucesso, uma das médiuns se levantou do chão alegando que iria embora, mas aos solavancos ficou em pé. Uma gargalhada rompeu no terreiro. A movimentação dos outros levantando-se e buscando saias, cigarrilhas e bebidas se intensificou. "*Salve, dona Figueira*", cada um dos médiuns foi saravá-la e assessorá-la vestindo sua saia, enquanto os ogãs afinavam o atabaque. "Sem quizomba[12], que não é dia pra curimbar[13]". Os sacerdotes, por sua vez, não demonstraram ter gostado da chegada de Dona Figueira no momento dos avisos. "*A hora é dos santos, não é a sua, meu fio. Se o fio achar de errado uma entidade de lei vir fazer falador, vire seu Caveira que nóis faz proseado* [risadas]. *Porque daí, fio, tem alguma coisa de errada nas aruandas, não?*" O zelador, então, foi respeitoso com ela e disse para ficar à vontade para dar sua palavra. "*Entonce, meu menina, queria ir embora e deixar o terrerado?*" O zelador respondeu que sim, que a menina dela não estava querendo respeitar as regras, que ele sentia muito, mas não podia segurar ninguém na casa dele. Além disso, Dona Figueira doutrinou:

11. O *couro comeu* é uma expressão nos terreiros que designa a respeito de oferendar ao atabaque, tocar o atabaque ou simplesmente ver a macumba acontecer.

12. Festa.

13. Dança e atabaques.

> Pois diga à minha menina que caminho eu dei aos montes pra ela e que cada um de vóis é que têm que ter caminho dos exu e das exoua[14] de vóis pra não deixar a cumiera[15] despencar no ori[16] docêis. Muitos foram os patacos[17] que minha menina enfiou no edi[18] docêis pra arrumar um coisa aqui, outra acolá, enquanto que nem os pé de borracha[19] dela ela conseguiu trocar, fazendo caridade numa gazola[20] que não é dela, é do senhor. E pergunto agora, no íntimo do senhor, não precisa responder pra eu, onde anda aquele outro cavalo de Padilha que vóis viventes sugaram o que podiam depois disseram esse mesmo palavrado chulo de que não pode segurar nenhum cavalo? Não pode mesmo, mas o senhô pensa que é só vóis que têm guardião? Subiu pro ori de vóis? Uma água de batata[21]? Não há pai de santo nenhum que vai calar qualquer cavalo meu, ou não me chamo Figueira. E, da próxima vez que eu tiver de sair das encruzilhadas vencendo demanda pra minha menina pra se arresorver cousa que não é dela, chamem Exu Cavaira, que eu quero dar dedo de prosa com o compadre sobre aqueles erês[22] que o senhô arrumo na Tapera[23] (Dona Figueira, 2020-2022).

Após a oratória de Dona Figueira, que dispensou o ponto cantado e percussionado nos atabaques para ir embora, os zeladores resolveram finalizar a conversa, e o cambono fez o relato da pombagira para sua médium, que ouvia aos soluços, bebendo a água que lhe fora oferecida. Embora por algum tempo sua médium tenha sido silenciada ou negligenciada nas demandas político-organizativas do terreiro, a pombagira desconstruiu toda a narrativa controlada pelos membros da hierarquia do terreiro, tomando para si a palavra de maior autoridade, impondo a sua em favor da palavra da médium. Podemos analisar em sua doutrina – fala-se doutrina, porque a oratória não serve individualmente – que, para ela, a função dos médiuns, todos, não era estar ali apenas ouvindo calados as reivindicações da hierarquia. Nesse caso, a pombagira abriu brechas para negociar a estadia da médium sem que esta levasse desaforos.

Ao discutir numa perspectiva decolonial os saberes da macumbaria para a vida, Rufino (2019) elenca os saberes ancestrais que ao decorrer do tempo são desprestigia-

14. Pombagira também é chamada de exu mulher. Nesse caso, a pombagira quis dizer *exoua* mesmo.

15. Cumeeira. No candomblé, é espaço sagrado elevado. Na umbanda, a pombagira refere-se somente ao tero.

16. Cabeça.

17. Dinheiro.

18. Ânus.

19. Carro.

20. Casa.

21. Chama-se água de batata para fazer pouco caso dos trabalhos, geralmente iniciáticos, realizados na cabeça.

22. Criança.

23. Bairro afastado da cidade, marginalizado.

dos pela descredibilidade, pelo desvio e pelo esquecimento. Contudo, segundo o autor, "cabe ressaltar que essas sabedorias de fresta, encarnadas e enunciadas pelos corpos transgressores e resilientes, sempre estiveram a favor daqueles que souberam reivindicar" (Rufino, 2019, p. 9).

Esta pesquisa entende que a própria umbanda, por meio da autoridade de seus guias espirituais, abre caminhos na profissão de fé, no terreiro, para os seus, sejam eles médiuns, sejam assistidos, sejam zeladores de santo etc. Isto é, nos males que assombram nossa existência e ameaçam nossa integridade, a malícia da pombagira, agindo por meios pouco ortodoxos, tem seu jeito de desfazer.

O que será tratado aqui não alude nenhum prejuízo à umbanda, muito pelo contrário. Ao reconhecer a potência de seus tratamentos de cura e cuidados com o corpo feminino, encontramos elementos de uma sociedade patriarcal que pode silenciar as mulheres, mas que podem ser combatidos pela força dessas entidades, que no mínimo as empoderam e reconduzem os outros filhos de fé aos caminhos de sua jornada. Ressalta-se aqui que as práticas machistas descritas não fazem parte da Umbanda, mas podem ser encontradas nos terreiros pela impossibilidade de isolar os espaços religiosos do patriarcalismo encontrado na sociedade brasileira. A atitude do zelador de santo à fala da Figueira pode gerar descontentamento entre ouvintes e leitores que esperavam resolução na base da disputa. O silêncio seguido da decisão de finalizar aquela conversa nos parece ter sido por educação religiosa e pelo entendimento de quem dá a última palavra no terreiro de umbanda.

No terreiro, cerca de 15 mulheres e sete homens[24] trabalham nas giras de desenvolvimento. A faixa etária na casa é dos 30 até os 60 anos. A assistência é composta de membros da comunidade[25] e gente da cidade[26]. O perfil da assistência é majoritariamente feminino; os homens em geral vêm fazer companhia às esposas ou fazem parte da rede de sociabilidades do terreiro. Há ainda os atendimentos individualizados, com hora marcada, para pessoas distintas da cidade, que tinham preferência de consulta com a entidade cigana[27] da mãe de santo. As mulheres do terreiro, sejam da corrente, sejam da consulência, têm comportamentos contidos. Muitas são católicas, algumas, espíritas, que só faziam presença nas giras de preto-velho – a consulta com exu é um impeditivo, pois exu teria, na visão delas, baixo valor vibratório. Para Letícia Reis (2020, p. 122):

24. Não houve aplicação de formulários quantitativos.

25. Moradores dos balneários.

26. Centro Histórico.

27. A linha dos ciganos faz parte de algumas umbandas.

> Quanto ao empoderamento, de dentro do religioso, a Pombagira executa tal feito perante os padrões ocidentais vigentes que regulam a vida da mulher, tanto no espaço privado, como no doméstico. Dentro do espaço religioso umbandista, as Pombagiras, que carregam histórias de mulheres que se depararam com as limitações, imposições e julgamentos da sociedade, têm auxiliado as mulheres a reivindicarem seus espaços em funções enquanto realizam atividades importantes dentro dos terreiros, no espaço público e privado, contestando seu papel na zona de domínio masculino.

Nesse sentido, a figura da Pombagira quebra a visão do papel feminino ligado exclusivamente à maternidade, ou seja, está relacionada à figura da mulher livre e aos prazeres próprios. Como resultado da presença das suas doutrinas dentro dos terreiros ou nos espaços públicos e domésticos abrem-se brechas para o empoderamento feminino quando as mulheres passam a atuar mais fortemente em espaços marcados pelo domínio masculino. Não é novidade que as pombagiras detêm poderes de desmobilização de demandas – das velhas demandas patriarcais. O que nos impulsionou a escrever sobre o tema é como esse poder é exercido em um terreiro cujos métodos e tratamentos de cura ainda não são considerados elementos importantes quando se pesquisa o cuidado do corpo feminino e o papel das mulheres nas relações sociais estabelecidas no terreiro. Médiuns e assistidos muitas vezes confiam no poder das pombagiras em situações cotidianas: falta de trabalho, conflitos familiares, dificuldade de lidar com lutos, perdas, adoecimento na família, doenças não diagnosticadas ou diagnosticadas. No caso de Dona Figueira, percebemos que o silenciamento que sufocava sua médium a levou a disputar autoridade nas questões organizativas do próprio terreiro.

Tendo em vista que nosso olhar estava tecnicamente informado e interessado nos trabalhos alusivos à saúde e aos cuidados do corpo feminino, passamos a dar maior atenção aos rompimentos[28] das pombagiras no terreiro, e foram alguns depois da doutrina de Dona Figueira. Todavia, entre tensões e conflitos, quase sempre as doutrinas obtinham boa aceitação e transformavam as relações abusivas no terreiro, o que, por tabela, também poderia educar as mulheres da assistência.

Basicamente em todo fim de gira, a corrente pedia a benção a mães e pais de santo do terreiro e permanecia sentada no chão. Era o momento de aproveitar a presença de todos os médiuns e passar os recados. A limpeza do terreiro estava sempre em pauta e era recebida com olhares de desaprovação. O conflito acerca dessa matéria era bem-pontuado: por um lado, os zeladores do terreiro delegando a limpeza aos filhos de fé e, por outro, as mulheres reclamando de cansaço e da falta de rotatividade nas atividades.

28. Quando a incorporação é mais brusca, não é necessário ritualizar o transe.

É importante informar que naquele período, antes e depois da gira, eram as mulheres que vi pegando em vassouras para varrer o espaço. Eram elas também que transitavam esbaforidas atrás de baldes, panos, papel higiênico, para abastecer os banheiros. Da mesma forma, também eram elas que chegavam ao terreiro com flores e frutas para montar vasos decorativos e oferendas para entidades. O homem da corrente, por sua vez, só se via em cima do horário da gira. No caso de duas famílias especialmente, as mães estavam presentes antes do início dos trabalhos espirituais. Filhos e companheiros, quando adentravam no terreiro, as questionavam: "*Mãe, onde está nossa roupa?*". Ou seja, o que parecia a organização do vestuário religioso também era do encargo das mulheres da família.

Em um desses encontros, foi permitida a palavra dos membros da corrente, e a reunião seria comandada por eles, com temas que lhes interessassem. O assunto mais repercutido entre as mulheres foi a sobrecarga de trabalho. Várias puderam posicionar-se a respeito do cansaço de fazer a tripla jornada, e o trabalho pesado sempre recaía nelas. A questão de os homens não realizarem nem mesmo atividades masculinas – situamos aqui as que exigem força – também teve muito quórum. Para as mulheres do terreiro, o fato de os homens não participarem de nenhum trabalho de limpeza como se fossem elas as empregadas, além de não auxiliarem na pintura nem na troca de telhas, manutenção e reparos, era um disparate sem tamanho.

As desigualdades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho e no ambiente doméstico podem estar presentes também nos espaços religiosos. Elas ainda enfrentam uma jornada de trabalho mais desfavorável, podendo atingir em média até 15% ou 18 horas semanais a mais que o tempo de trabalho dos homens. A falta de políticas públicas que minimizem a desigualdade entre mulheres e homens nos espaços domésticos e no mercado de trabalho é um problema secular (Dedecca; Ribeiro; Ishii, 2009). Os embates contra tradições que carregam a herança patriarcal nos espaços religiosos podem ser pensados como um espaço de luta fundamental, já capitaneado desde muito tempo pelas figuras femininas na sua história: assistência, médiuns e pombagiras.

2 "Vestidinho de chita estalando osso, osso com osso, ela é a pombagira, é a Tata Mulambo"[29]

Como exu e pombagira são vento, estão em qualquer lugar, e não têm nação, não pertencem a nenhuma denominação religiosa, qualquer pessoa pode ter a faculdade de incorporar a ambos e assim seguir com empreendimentos mágicos na ordem do desejo individual. Com base nas projeções individuais ou mesmo na oferta desses tra-

29. Trecho do ponto da pombagira Maria Mulambo.

balhos em outros segmentos de umbanda, pode-se dizer ser muito comum o interesse das mulheres na resolução para conflitos amorosos. Dona Maria Mulambo geralmente faz questão de apontar as qualidades das moças que a procuram. Na tentativa de elevar a autoestima delas, a pombagira busca na força delas, provavelmente recalcada pelos amores não correspondidos, um caminho para trabalhar a si mesmas. Barros e Bairrão (2015) acompanham pombagiras nos terreiros, sob outros propósitos, e investigam a relação das pombagiras com suas médiuns:

> O acolhimento a tudo e a todos que resulta na dinamicidade como a única regra permanente da umbanda pode ser tanto o que há de mais interessante na religião, como um "obstáculo teórico", uma complexidade maior à pesquisa, devido à impossibilidade de elaborar modelos categoriais ou estruturalistas a seu respeito. Trata-se mais profundamente de uma sensibilidade adaptativa ao contexto que se apresenta por meio de uma atenção e escuta às dinâmicas sociais e aos desejos humanos. Esta capacidade, vale dizer, se deve à própria ética umbandista, uma "ética de inclusão" que se constrói no presente e no cotidiano, propugnando-se como inclusão psíquica (Barros; Bairrão, 2015, p. 127).

O acolhimento feito pelas suas entidades, nesse caso, as pombagiras, é a marca da umbanda. Nessas entidades, reconhecemos uma pedagogia para usar o problema de uma pessoa ou de ressonâncias sociais, por exemplo, para falar com toda a comunidade. A festa seguiu alegre, as moças dançaram com as pombagiras da festa, mas não lhes foi permitido beber nem fumar. Maria Mulambo (2020-2022) pediu que servissem a elas *omi*[30] com essência de baunilha e canela em pau em qualquer taça que não pudessem fazer quebrada[31]. Disse às moças que aquilo era bom para limpar a garganta e evitar problemas respiratórios, visto que estava frio e elas entraram na gira de pés descalços[32].

Embora as festas de exus e pombagiras não sejam momentos para consultas, Dona Maria Mulambo pediu que as mulheres tivessem mais cuidados com as partes íntimas e órgãos reprodutivos, especialmente em época de frio ou por ocasião das friagens. "*Rabo de saia quara os panos na rua e entra pro quentume da gazola*[33] *escangaindo a matéria. Tem que pedir ajuda pros pé de carça docêis*". Ao final de uma das festas de exus e pombagiras, os cambonos vieram até a consulência repassar as orientações de Dona Maria Mulambo: tomar chá de tanchais[34] por sete dias para limpeza dos ovários

30. Água.

31. Quebrar garrafas e taças é um meio de trabalho das pombagiras.

32. Não se entra calçado na parte em que acontecem as giras nos terreiros.

33. Casa.

34. A tanchagem, também conhecida por taiova, tansagem ou sete-nervos, é um cultivo muito utilizado para a produção de remédios caseiros, principalmente por sua ação anti-inflamatória, antimicrobiana e analgésica.

e outras infecções femininas. O banho de assento também foi sugerido com o preparo do mesmo chá. As mulheres que tinham a certeza de não terem contraído gravidez poderiam trocar a erva por arruda. Cascos[35] sempre calçados e região toráxica protegida mesmo entre as mulheres em menopausa. Maria Mulambo também orientou as mulheres a exigirem a limpeza das genitálias dos companheiros, pois no terreiro havia uma grande demanda por tratamentos para tabaca[36]. Segundo ela, nas palavras constrangidas do cambono, os homens não lavam o falo direito e assim também transmitiam doenças ruins de curar (Maria Mulambo, 2020-2022).

Desconheci, nesse período de pesquisa em campo, sujeitos que preferissem o tratamento espiritual em detrimento do tratamento convencional proposto pela medicina dos postos de saúde e unidades de pronto-atendimento da cidade. Ao contrário, pelas conversas na assistência, muitas mulheres comentavam que se viram no postinho, ou que conseguiram agendar seus exames. Servidoras do município que atuavam na área da saúde também costumavam abraçar a religião de alguma forma. Algumas participavam ativamente das giras, outras conciliavam o trabalho com as datas festivas que o terreiro costumava realizar à comunidade (Dia das Crianças, festa junina, encerramento de Natal). Ou seja, a presença das mulheres é contumaz nos arranjos comunitários, sempre protagonizando os eventos sociais e festivos envolvendo gente de dentro e de fora da religião, mas do território.

Passados alguns dias, era hora de os zeladores responderem às sugestões e aos motejos dos membros da corrente. Os sacerdotes resolveram trazer para o meio do salão seus cadeirões[37], as apotis[38] para pais e mães pequenos e as decisas[39] para aqueles que estavam em desenvolvimento mediúnico sem conquistar seus graus hierárquicos. O que se seguiu foi uma conversa de manutenção de privilégios. Nesse caso, a sobrecarga das mulheres do terreiro foi silenciada, para evidenciar abusos ou condutas inapropriadas e que merecem a atenção de todos. Em meio às lágrimas, algumas mulheres se levantaram e se despediram da assistência. Foi confortável para a hierarquia que estava sendo cobrada agir com base nas regras do terreiro, as mulheres se ofenderem e nada foi resolvido. O fato de elas resolverem se desligar do terreiro também não era problema, visto que uma das características dos terreiros de umbanda é a alta rotatividade de médiuns.

35. Pés.

36. Vagina.

37. São utilizados no candomblé para assentar o quadro hierárquico do terreiro.

38. Formação antes de chegar a mãe de santo/pai de santo.

39. Esteiras de sisal que se usam nos terreiros para que os filhos e clientes deitem na hora dos trabalhos.

Não parece ser difícil entender por que mulheres são suscetíveis a uma variedade de transtornos e síndromes. Há toda espécie de violência que adoece mulheres. Citamos o trabalho de Teixeira e Paiva (2021, p. 9):

> Durante séculos, as mulheres foram consideradas propensas ao desenvolvimento de transtornos psicológicos, tendo como causa suas condições biológicas, sem considerar a determinação social neste processo. Algumas pesquisas, demonstram que as mulheres são a maior parte dentre a população que desenvolve os chamados Transtornos Mentais Comuns (TMCs), estes por sua vez, estão altamente correlacionados a aspectos sociodemográficos e pertinentes a modos de vida, tais como gênero, baixa renda, escolaridade, questionando a causalidade biológica enquanto determinante hegemônico do adoecimento mental.

Essas estratégias tiranas que impedem o sujeito de falar, por exemplo, também são uma violência psíquica. Por sua vez, os homens do terreiro são acusados de não darem a devida atenção à organização do terreiro, tanto no que diz respeito à decoração e ao oferecimento de elementos votivos do terreiro quanto às manutenções mais pesadas. Para eles, era igualmente vantajoso o desligamento das mulheres. Ocorre que a assistência do terreiro tem vida e abastece caboclos, boiadeiros, exus, toda a miríade de espíritos com ervas, plantas, sementes. Essa mesma assistência participa ativamente da dinâmica social e religiosa do terreiro, sendo muitas protagonistas indispensáveis para os caboclos. E essa assistência levantou-se.

As mulheres não foram embora. Ficaram chorando no portão, e o pai de santo enviou os cambonos para trazê-las de volta. A assistência falava entre si e com os sacerdotes. Eram frases enfáticas, como: "*Ah, não! Mas aí o terreiro perde, elas são muito boas*"; "*mas, se fulana sair, eu vou atrás, porque as entidades dela tratam toda minha família*"; "*esse é o ruim da religião*"; "*por isso que nunca quis entrar para corrente. O povo abusa muito da gente*". A hierarquia nitidamente não esperava pelo caos naquele momento.

Pombagiras são mulheres que afrontam injustiças contra seus médiuns, se espalham pelo ambiente, e muitas vezes, quando desce[40] uma, descem várias. As mulheres que estavam em frente ao portão foram trazidas para dentro novamente, se aprumaram, tomaram fôlego. Quando o silêncio tomou conta do terreiro sem nenhuma intervenção, apenas por desgaste da hora mesmo, um dos zeladores de santo pediu a palavra, que lhe foi negada por uma voz dissonante daquelas que o ouvido é acostumado a identificar. Era a pombagira Cacurucaia das Almas, uma pombagira intimidadora. Seu nome deriva de "cacurucaios, do quimbundo *kikulakaji*, ou seja, ancião" (Lopes, 2011, p. 196). É difícil encontrar uma Cacurucaia nos terreiros, e, quando há – mesmo não havendo

40. Significa descer para terra sob estado de transe mediúnico.

hierarquia entre pombagiras –, ela tem uma história de trânsito entre pretos-velhos e espíritos muito velhos e, portanto, muito sábios, que a torna muito importante.

Cacurucaia (2020-2022) olhou para a mãe de santo e falou: "*Muitos combinados não estão sendo cumpridos, e a senhora deixa sua velha passar pra vir dar jeito nessa quizila*[41]". Assim, a mãe de santo foi buscar a roupa de sua pombagira. Nesse tempo a mãe de santo já veio virada[42] na sua pombagira, a senhora Rosa Caveira. Os exus e as pombagiras dos pais de santo não viraram até então. Eles permaneceram ali muito educados com as moças, mas esboçando certo contragosto, talvez pelo adiantado da hora. O terreiro costuma fechar sua gira sempre antes das 22h. Em razão disso, possui muitos atendimentos na semana. Sexta-feira é dia de gira, mas no decorrer da semana tem atendimento com pretos-velhos, mesa de estudos, entre outros trabalhos que demandam idas a cachoeiras, praias, encruzilhadas, mercado[43], campinas, jardins etc. Pode-se observar que as pombagiras eram as mais preocupadas com a saúde das médiuns, não só das mulheres, mas especialmente delas. A caridade, o outro, a preocupação com a comunidade é um valor alto para a umbanda, enquanto seus membros, pelo menos desse terreiro, carecem de autocuidados e apresentam certo esgotamento diante dos problemas cotidianos.

3 "A Padilha, quando caminha, alguma coisa ela vai fazer. Vai para encruzilhada, vai vencer demanda, êê, recompenso, ê"[44]

Demandas significam, em alguma medida, problemas que podem nos desviar do caminho e geralmente são provocados pelos próprios sujeitos, por aquilo que deixam tomar conta da consciência, como, por exemplo, o próprio episódio de confusão no terreiro, no qual as pombagiras tiveram de intervir. Começando com a desenvoltura de Dona Cacurucaia, que, ao se assegurar da presença de Dona Rosa Caveira, procurou amenizar o ambiente, ao se dirigir ao principal zelador da casa. Segundo a doutrina de Dona Cacurucaia (2020-2022):

> Entonce, eu tô sim pelo justo, pelo fio, mas também pelas minhas fias. Rabo de saia é rabo de saia desde que o mundo docêis é mundo. Amaldiçoada por vóis mesmo pra ser burro de carga, carregando cangaia da família, do tabaiado, dos pedintes, do que ocêis chamam de religião. É os rabo de saia que tão

41. Problemas, coisas ruins, algo amarrado.

42. Virado é o mesmo que em transe.

43. Exu é senhor dos mercados. Muitas oferendas são realizadas nos mercados e por eles.

44. Ponto de despedida da pombagira.

> lavando, limpando, vindo sempre dá os passe na assistência, e os pé de carça dessa gazola tão onde, fio?

Diante do esgotamento nervoso de todos, Dona Cacurucaia (2020-2022) preocupou-se com a desunião entre membros que estavam adoecendo com a situação. A tripla jornada das mulheres também foi mencionada como arrimo de família, trabalhadoras e professantes de uma fé que exige muito desprendimento e abnegação consigo, a ponto de cuidar do outro e esquecer-se de si. Consideramos que as doutrinas das pombagiras podem constituir amiúde formas eficazes de combater violências contra a mulher em espaços que não são hostis a elas, como a religião, mas perpassam todas as deformidades sociais as quais estamos habituadas a presenciar. É a própria umbanda com seu complexo sistema de atendimento à saúde que pode oferecer tratamentos a enfermidades que no seu interior também se espalham. Desta feita, concordamos com Pedrosa e Zanello (2016) quando as autoras relacionam saúde-doença levando em consideração fatores sociodemográficos.

Até que todas as médiuns estivessem prontas, Rosa Caveira (2020-2022) foi atender duas assistidas que precisavam agradecer e despedir-se, elogiando a atitude das pombagiras que estavam sendo justas:

> É de vóis e eu faz concordado com Cacuracaia, se ocêis não querem ajudá nas cousas que têm se dividido, não se fazem de rogado, que saiam ocêis. Onde se viu uma gazola onde as rabo de saia dá espríto, faz ajeum, pega nas piaçava, trepa nos teiados cas tabaca pra fora? E ocêis? Eu dei meu dedo de prosa e tô indo contra meu cavalo também que tava fechando os óio pa essa poca duma vergonha (Rosa Caveira, 2020-2022).

Percebe-se por Dona Rosa Caveira que ela não estava satisfeita com a conduta do seu próprio aparelho, que ficou omissa em relação à situação, talvez por gozar *status* diferenciado das demais, na qualidade de mãe de santo. O adoecimento das mulheres, silenciadas no terreiro, ante a vantajosa situação de emudecer, por parte dos médiuns homens, foi desarticulado pela pombagira Rosa Caveira, que ainda apontou os prováveis trabalhos dos homens que estes tampouco faziam. Categórica, assinalou que quem deveria sair eram aqueles que não assumem suas responsabilidades, e não as mulheres, fato inicial que gerou a ira das pombagiras da casa. Escutando as oratórias das pombagiras, estava Maria Padilha, única pombagira na situação, que incorporava em um senhor de 77 anos. Todas as outras eram pombagiras que incorporavam em cavalos femininos. Todos estavam curiosos esperando Maria Padilha falar de suas mirongas, e tal fenômeno era possível de apanhar na agitação da assistência. Foi então que ela começou a falar, sempre altiva e com gestos muito femininos:

> *Tudo que as comadres falaro sobre essa safadeza contra as rabo de saia eu aprovo e, se soubesse lidar com papeles, botava meu dedão* [risadas]. *Pra eu, o que as comadres* falaram da vida das rabo de saia nesse terrerado tem acontecido desde que Padilha tinha castelo. E é por isso que tô acá hoje, pa trabaiá por todos os que estão humilhados nessa terra fria. E o triste, meus fios, é que os humiados de hoje são os humiados dos tempos eternos. *Mas, se assim é a guerra de sempre, assim nóis vem pa guerrear também, pois aprendemo a forjar nossas armas no ferro quente de Ogum*[45]. E si vois não souber forjar suas armas, nóis arma ocêis. *Vóis que carrega as moças têm muito de nóis, mas nóis não têm nada de ocêis. Nóis é mãe, nóis é muié, nóis não arreda e, quando vóis já tiverem cansada de luta, nóis vêm e levanta ocêis. Nóis vêm e guerrea pra vóis. Só peda uma coisa essa veia, se movimentam, que exu, pombagira é movimento, nóis não ajuda quem dorme (...). E, aos pé de carça desse terrerado que tem pombagira de lei e não respeita rabo de saia, deixa eu contar uma causo procêis. Vamo seu atabaquero: "Arreda, homem, que aí vem mulher! Ela é a pombagira, rainha de quem tem fé! A Cacura vem na frente pra dizer quem ela é"*[46] (Maria Padilha, 2020 – 2022, grifos nossos).

Rufino (2021, p. 72) reivindica as insurgências para velhos saberes desprezados pelo eurocentrismo da nossa educação e ciência. Ele diz: "O mesmo corpo que é arma é também um inventário de memórias ancestrais e comunitárias que são reivindicadas com fim tático nas labutas do dia a dia". Conforme falado, a umbanda dispõe de mecanismos de autoajuste que reconhecem os sujeitos como pessoas capazes a todo o momento de fazer o bem e o mal. Não as condena por suas eventuais falhas. Trata-se de acolher os feridos e intervir com base nas experiências vivenciadas pela seara umbandista.

Antes de se despedirem, as pombagiras conversaram longamente com os zeladores de santo, cambonos, médiuns e assistência. Deixaram alguns vaticínios sobre a vigília de pensamentos e atitudes, que provavelmente essa situação poderia se repetir se não houvesse calibragem na conduta de todos, mas, mesmo na repetição, o importante era tratar o problema sempre que ele aparecesse. O pai de santo ficou mais aliviado e demonstrou aceitação e respeito pelas pombagiras. Em muitos momentos disse que a religião é boa, mas feita de homens, que são falhos. Chegou a celebrar o orgulho de ser umbandista e cultuar entidades que os acolhem nos momentos difíceis, intervindo para que não desistam da jornada que assumiram. As pombagiras o confortaram alegando que elas existem para isso, não para evitar o erro, mas para passar com os viventes pelos obstáculos da vida, cônscias de que eles sejam fortificados com o aprendizado.

45. Orixá Ogum.

46. Ponto de pombagira.

As mulheres do terreiro, por sua vez, demonstraram-se ressabiadas com o ocorrido. A sensação que transpareciam conversando entre si e com a assistência era de descrença com o estado de coisas. Diziam entre si: "*Qual será a próxima?*", "*tomara que tragam paz*", "*mas ainda bem que a gente tem elas*". Dona Maria Padilha (2020-2022) ainda estava em terra quando alguém da assistência perguntou o que ela havia feito. Entre risadas, ela respondeu que se tratava de um tratamento, de limpeza espiritual. Segundo Dona Padilha, os tratamentos são para a vida toda, sendo necessário afastar os espíritos obsessores, que sempre tentarão se encostar nas injustiças, no sofrimento, nas maledicências, na desunião. Entendemos que a luta das mulheres nos espaços religiosos não pode ser considerada menos significativa. Como resistência cotidiana já secular, abre caminho para uma sociedade menos desigual e violenta.

Considerações finais

Para além das atribuições às pombagiras que festejam sua sensualidade, sua desenvoltura e potência no trato dos relacionamentos amorosos, os negócios e prazeres da vida, cabe ainda o empoderamento que constroem não apenas para suas médiuns, mas também para quem quiser ouvir. Em razão de sua sabedoria vivenciada em outros encarnes, quase sempre ligada a desaforos e marginalidade, a memória ancestral é sempre ritualizada com a sua comunidade. Encontramos nesse terreiro pombagiras das mais variadas histórias, nem todas relacionadas a cabarés ou prostituição, mas em comum todas buscando nessa energia que envolve abandono, rejeição, subalternidade e resiliência o ponto de interlocução com suas comunidades. A enunciação de seus modos de vida expressos na linguagem, na musicalidade, nos seus pontos cantados é um vetor de identificação com certa camada da sociedade.

O corpo encantado por pombagiras na umbanda é inteligência, sofisticação e fazer espiritual. Cientes disso ou não, as mulheres da umbanda organizam-se para reclamar a sobrecarga de trabalho impostas a elas e o esgotamento físico e psíquico em razão de uma organização política que ainda deixa nas mãos delas a participação em todos os trabalhos do terreiro. O complexo sistema que envolve a história de vida das mulheres nos terreiros, o cuidado do corpo feminino na umbanda não trabalha com registro de pontos ou horas a resgatar, a espiritualidade não tira férias, e suas entidades se fazem presentes quando bem quiserem, mesmo fora do tempo de atendimento dos médiuns, oficialmente falando, das 19 h às 22 h.

Diferentemente de outros sistemas religiosos que passam por todos esses problemas, porque, afinal, é um problema da sociedade, a umbanda tem em seu movimentado panteão uma miríade de espíritos que escolheram uma roupagem astral relacio-

nada à marginalização de determinados corpos para trabalhar. São esses espíritos que mobilizam suas forças para as querelas do dia a dia. Podemos aprender muito com a circulação de saberes populares, seja por meio da umbanda, seja por outras religiões. É preciso descolonizar o olhar e os acervos para poder compreender que espíritos de mulheres consideradas maliciosas, dissimuladas e perigosas são o arrimo de mulheres, construindo seu empoderamento na comunidade, para a comunidade. É preciso avançar sobre as fontes tradicionalmente encontrada nos arquivos, amparando as pesquisas interdisciplinares e os novos acervos de história de vida das mulheres, construídos em parceria com as universidades. Nesse sentido, as histórias ainda esquecidas às sombras pela imposição patriarcal são fundamentais para debater desigualdades estruturais históricas da nossa sociedade.

Referências

BARBIERI, Alan. **Pombagira**. São Paulo: Editora Mariwô, 2021.

BARROS, Marina Leal de; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. *Performances* de gênero na umbanda: a pombagira como interpretação afro-brasileira de mulher. **Revista Instituto de Estudos Brasileiros,** v. 62, n. 1, p. 126-145, 2025.

DEDECCA, Claudio Salvadori; RIBEIRO, Camila Santos Matos de Freitas; ISHII, Fernando Hajime. Gênero e jornada de trabalho: análise das relações entre mercado de trabalho e família. **Trabalho, Educação e Saúde,** v. 7, n. 1, p. 65-90, 2009.

DONA CACURUCAIA. **Diário de campo de Janaina Gonçalves Hasselmann**. São Francisco: [s.n.], 2020-2022.

DONA FIGUEIRA. **Diário de campo de Janaina Gonçalves Hasselmann**. São Francisco: [s.n.], 2020-2022.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MARIA MULAMBO. **Diário de campo de Janaina Gonçalves Hasselmann**. São Francisco: [s.n.], 2020-2022.

MARIA PADILHA. **Diário de campo de Janaina Gonçalves Hasselmann**. São Francisco: [s.n.], 2020-2022.

PEDROSA, Mariana; ZANELLO, Valeska. (In)visibilidade da violência contra as mulheres na saúde mental. **Psicologia, teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 1, p. 5-15, 2026.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe**, v. 2, p. 1-12, 2008.

PEREIRA, Nicole Umberlino. **O Diabo e o Rito de Exorcismo no Neopentecolismo**. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville (Univille), Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, Joinville, 2015.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

QUEIROZ, Marcos Alexandre de Souza. **Os exus em casa de catiço: etnografia, representações, magia**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

REIS, Letícia. A figura da pombagira: transgressão e empoderamento feminino. **Revista Sacrilegens,** v. 17, n. 1, p. 109-126, 2020.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. A contribuição de entre-lugar e de fronteira para a análise da relação religião-democracia. **Rever,** v. 15, n. 2, 2015.

ROSA CAVEIRA. **Diário de campo de Janaina Gonçalves Hasselmann.** São Francisco: [s.n.], 2020-2022.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

RUFINO, Luiz. **Vence Demanda**. Educação e Descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SILVA, Wagner Gonçalves. **Candomblé e Umbanda**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SULIVAN, Charles Barros. Possessão, gênero e sexualidade transgressora: a análise biográfica de uma pombagira da umbanda. **Anais do Fazendo Gênero: Corpo, Violência e Poder.** Florianópolis**,** UFSC, 2008s, p. 56-78.

TEIXEIRA, Julia Magna da Silva; PAIVA, Sabrina Pereira. Violência contra mulher e adoecimento mental: percepções práticas de profissionais de saúde em um centro de atenção social. ***P*hysis Revista de Saúde Coletiva,** n. 31, v. 2, p. 1-21, 2021.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em educação a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.